



COMO CHEGAR À OUTRA MARGEM?

PROJETO PASTORAL DIOCESANO
ANO PASTORAL 2026-2027



WWW.DIOCESEDEANGRA.PT

Coordenação:
Serviço de Coordenação da Pastoral Diocesana

Paginação e design:
Purpled Web Concepts, Lda.
www.purpled.pt

2.260 exemplares
Angra do Heroísmo - Terceira - Açores

Agosto 2026

ÍNDICE

1.INTRODUÇÃO	5
2.APRESENTAÇÃO DO SUBSÍDIO DO PROJETO PASTORAL	11
3.PROPOSTAS DE AÇÃO A PARTIR DOS OBJETIVOS PARA O ANO PASTORAL 2026-2027	17
4.CATEQUESES PARA A FORMAÇÃO DO POVO DE DEUS	25
Conversão	26
Acolhimento	31
Missão	36
5.EQUIPA SINODAL DIOCESANA	43
6.ESCOLA DIOCESANA DE FORMAÇÃO	49
7.CALENDÁRIO DIOCESANO	57
8.ANEXOS:	71
Apresentação do esquema temático geral dos anos pastorais 2025-2034	
Memória descritiva do logotipo dos 500 anos	
9.ORÇÃO PARA A VIAGEM	77





INTRODUÇÃO

D. Armando Esteves Domingues

INTRODUÇÃO AO PROJETO PASTORAL DIOCESANO «COMO CHEGAR À OUTRA MARGEM?»

Saúdo com afeto todo o Povo de Deus e todas as pessoas de boa vontade que vivem no arquipélago dos Açores, onde, há quase quinhentos anos, a Diocese de Angra vive e desenvolve a sua missão. A todos convoco para este segundo ano do primeiro triénio do nosso itinerário de renovação até 2034.

Passamos de um ano de reflexão interna e renovação das estruturas sinodais, sob o lema “Cristão, que dizes de ti mesmo?”, para uma nova etapa em que queremos assumir a missão de encontrar quem vive na outra margem. A Igreja só é Igreja quando é missionária. Isto traduz-se, no que respeita ao nosso Projeto, no facto de que o primeiro ano é incompleto sem este segundo ano. Podemos dizer que todas as propostas do ano anterior começarão, agora, a dar mais frutos, porque a Igreja é missão. O lema escolhido exorta-nos com clareza.

“Como chegar à outra margem?” é a pergunta cuja resposta deverá ter lugar, no terreno, durante este segundo ano. Os objetivos foram definidos: enfrentar as luzes e as sombras da Igreja, ir ao encontro dos afastados e valorizar a comunidade. Todos são convidados a olhar para fora dos muros da igreja e a construir com os irmãos as pontes necessárias para unir as margens que aparentemente nos dificultam a vivência cristã expressa numa vida fraterna e capaz de descobrir e valorizar tudo o que nos une. Para tal a última assembleia do Conselho Pastoral Diocesano definiu o caminho em três passos essenciais que transformam a nossa atuação: **Conversão, Acolhimento e Missão.**

O lema, baseado no episódio bíblico em que Jesus diz aos discípulos «*passemos à outra margem*» (Marcos 4, 35-41), é denso de simbolismo teológico e missionário. Situado no Mar da Galileia, este momento relata a decisão de Jesus de deixar a margem conhecida - território judaico, familiar e seguro - e navegar em direção à Decápole - território pagão, desconhecido e habitado por marginalizados. Durante a travessia, levanta-se uma violenta tempestade que aterroriza os discípulos, até que Jesus intervém, acalmando as águas e questionando a fé dos seus seguidores. A riqueza deste contexto bíblico ilumina os desafios e propostas pastorais apresentadas para este segundo ano.

Como na passagem do Evangelho, Jesus convida todos os discípulos de hoje a entrar no barco da conversão pessoal e a deixar a segurança das multidões e da terra firme, a acomodação àquilo que já fazemos bem e nos mantém instalados. O texto sugere o apelo a abandonar o "comodismo" das comunidades, que muitas vezes se encontram paralisadas e sem novos desafios. Tal como os discípulos tiveram de deixar a margem segura, a Igreja é chamada a estar no mundo para ser de todos. A "outra margem" - a região dos Gerasenos - era o lugar dos excluídos, dos gentios e dos marginalizados. É lá que Jesus curará um homem possuído, restituindo-lhe a dignidade. Também hoje, a "outra margem" pode estar nos ambientes sociais fragilizados e marginalizados pela nossa indiferença; pode estar nos ambientes das famílias enfraquecidas e em sofrimento; nas comunidades, estruturas e movimentos eclesiais, muitas vezes sem a seiva do amor que os une para a comum missão de evangelizar; pode estar nos ambientes daqueles que a Igreja ou a sociedade colocaram fora dos espaços de escuta; pode estar nas vidas daqueles batizados cujos percursos de fé sofreram ruturas, mas que procuram "recomeçar" a sua caminhada.

A tempestade no mar também expôs a fragilidade, o medo e a falta de fé dos discípulos. A travessia simboliza a superação de desafios e a necessidade primordial de **Conversão**. Também hoje, ninguém sobrevive às tempestades da vida ou da missão sem o encontro com Jesus e sem uma espiritualidade que revigore a alma e dê esperança à vida. A verdadeira fé cristã não é um estado adquirido e estático de perfeição, mas um permanente estado de conversão, onde o cristão procura, diariamente, recomeçar, consciente da misericórdia e graça de Deus. Oxalá todos - paróquias, movimentos juvenis, familiares e outros, Seminário, Escola Diocesana de Formação e Instituto Católico de Cultura, escolas e outras instituições - encontrem momentos propícios de aprofundamento espiritual para todos os que o desejarem. Que todos os conheçam e possam usufruir destas ofertas. Falo de retiros espirituais, momentos de oração e formação, etc, que podem ser oportunidades para um profundo e renovado encontro com Jesus.

Durante a “passagem à outra margem”, Jesus, mesmo parecendo dormir, foi a presença que garantiu a segurança da barca. É assim também na Igreja que, por vezes parece adormecida ou cansada. Cristo nunca dorme e a sua Igreja cresce sempre, sobretudo no meio das provas, às quais não se pode fugir. A Sua palavra continua a trazer a paz e a Sua atitude deve levar-nos ao pilar fundamental do **Acolhimento**. A Igreja é instada a ser Mãe, fazendo-se próxima nos momentos de dor ou fragilidade, ajustando-se para escutar e amparar os seus. O acolhimento é a concretização prática de amar antes de julgar ou corrigir, de anunciar a Palavra antes de distribuir sacramentos, de proporcionar espaços de escuta antes de impor, para que os que chegam da “outra margem” possam narrar a sua história existencial com feridas para obter a cura.

Mas, “passar à outra margem” não é apenas uma transição física, mas a **Missão** fundamental da Igreja: fazer-se ao mar do mundo contemporâneo e arriscar o encontro com o outro, confiando que o próprio Cristo navega no mesmo barco e encurta distâncias entre margens. Foi e é essa a pedagogia divina: *«Ele que era de condição divina, não Se valeu da sua igualdade com Deus, mas, assumindo a condição de servo, tornou-Se semelhante aos homens»* (Flp 2, 6-11). O Apóstolo Paulo explicará a sua própria “saída missionária” para levar a Boa Nova a todos, admitindo flexibilidade cultural e empatia ao pregar o Evangelho, e explica que se fez *«tudo para todos»* (Cor 9, 22), isto é, servo e respeitador dos costumes e mentalidade das pessoas - fossem judeus, gentios ou os mais afastados de Jesus Cristo - para conseguir compreendê-los e evangelizá-los, sem nunca abrir mão da essência do Evangelho - a cruz e a ressurreição de Cristo - nem da verdade.

Esta passagem à outra margem permitiu que o Cristianismo deixasse de ser um movimento restrito e se expandisse para o mundo gentio ou não crente, tornando-se uma mensagem universal. A Igreja só é verdadeiramente Igreja quando sai para construir laços de unidade com todos, todos, todos. Temos consciência de que, nos últimos anos, muitos cristãos se afastaram ou vivem uma relação frágil, ferida ou intermitente com a Igreja e que só o amor pode sanar estas feridas. Entrar na dinâmica do amor é participar do próprio movimento no qual Deus se revelou.

«Não há amor a Deus sem amor ao próximo, e não há próximo se eu não me aproximar, parar, chorar diante da sua dor como Jesus fez» (Leão XIV).

Não esperemos mais; olhemos para a outra margem e vamos. Vamos ao encontro e deixemo-nos também encontrar pelos irmãos. Todos somos, de alguma forma, distantes, habitantes de outra margem. Que Maria Santíssima e o Beato João Batista Machado, Padroeiro da Diocese, acompanhem a todos neste ano pastoral, dando a cada um a ousadia das palavras e gestos que constroem pontes e acabam com distantes na outra margem.

23 de julho de 2026, Festa de Santa Brígida, Padroeira da Europa

+ARMANDO ESTEVES DOMINGUES, BISPO DE ANGRA



1534 • 2034

500 DIOCESE DE ANGRA

PROJETO PASTORAL DIOCESANO
ANO PASTORAL 2026-2027



APRESENTAÇÃO DO SUBSÍDIO PARA O ANO PASTORAL

2026-2027



É com ânimo e esperança que vos colocamos nas mãos o subsídio para o ano pastoral que agora se inicia, o segundo deste primeiro triénio em ordem à celebração dos 500 anos da criação da nossa Diocese de Angra.

Antes de entrarmos propriamente na apresentação do conteúdo deste novo instrumento de trabalho, convém ter em conta algumas premissas:

1. Não devemos perder de vista as linhas orientadoras e os objetivos do ano pastoral 2025-2026. Houve tempo para fazer a necessária avaliação e a mesma continuará a ser feita. No entanto, muitos dos objetivos propostos são de carácter estável. Não são eventos. São processos pastorais que, se já iniciados, devem continuar e eventualmente serem melhorados e aprofundados no que for considerado pertinente. Se não foram iniciados, poderão sê-lo. Isto diz respeito mormente aos Centros de Preparação para o Batismo, à promoção dos retiros e encontros ligados ao querigma e não só, à criação e dinamização de todos os Conselhos e às Escolas de Formação de Ouvidoria. Quanto à Escola Diocesana de Formação (da qual adiante falaremos), depois de um ano de lançamento e de preparação passará a ser uma realidade efetiva. As catequeses para o Povo de Deus continuarão a ser oferecidas no presente ano pastoral, como veremos mais adiante.

2. Dado que no ano pastoral transato foi proposta a criação de várias estruturas que trazem novas responsabilidades e exigências à vida das comunidades cristãs, optou-se, neste novo ano pastoral (tendo em conta o discernimento efetuado e também as avaliações que nos chegaram) por não sobrecarregar a vida comunitária com o pedido da criação de novas estruturas. Oferecem-se sim propostas de ação que saíram do último Conselho Pastoral Diocesano e que brotaram também de sugestões que nos chegaram de algumas Ouvidorias, Serviços e Movimentos. Vêm das bases. Em cada espaço da nossa Diocese estas propostas poderão ganhar vida tendo em conta as necessidades, os recursos e as potencialidades existentes.

Não se trata de um ano menos pobre em propostas - pois, na leitura deste subsídio, vereis como são válidas - mas sim de um tempo em que, ouvindo o Espírito Santo, se poderá fazer um ótimo discernimento pastoral com consequências muito operativas.

Postas estas premissas, entremos então na apresentação do recurso que temos em mãos:

Iniciamos com as palavras do nosso Pastor, D. Armando Esteves Domingues, às quais se seguem estas que ledes agora. Em seguida, a partir da questão que serve de lema a este ano pastoral («Como chegar à outra margem?») são desenvolvidos três textos a partir dos três “imperativos de ação” que brotaram no último Conselho Pastoral Diocesano para o ano pastoral 2026-2027: conversão, acolhimento e missão. Estes “imperativos” são como que modos de traduzir os objetivos para este ano, delineados aquando da elaboração do esquema geral para os anos que medeiam 2025 e 2034, na Assembleia Plenária dos Conselhos Pastoral e Presbiteral de 2025. De fato, não conseguiremos chegar à outra margem - que tantas vezes está próxima de nós - sem nos convertermos aos desígnios do Mestre Divino, sem acolhermos os irmãos e sem sairmos em missão. A Igreja é - convém sempre recordá-lo - pela sua própria natureza, missionária, extroversa. É nestes três textos que estão plasmadas as novas propostas de ação referidas no ponto 2.

Seguem-se então as catequeses para o Povo de Deus. Dada a boa aceitação que têm tido em muitos ambientes, continuam a ser oferecidas. São um modo de estarmos unidos como um todo, em toda a Diocese, à volta da temática comum do ano pastoral e são um modo de evangelizar que pode ser utilizado em muitos ambientes. O título de cada uma é, propositadamente, o mesmo dos objetivos gerais para este ano.

Surge em seguida um capítulo da responsabilidade da Equipa Sinodal Diocesana, que tem objetivos muito concretos para o ano pastoral que agora se inicia.

Posteriormente há também um apartado próprio da Escola Diocesana de Formação, que neste ano começa a sua atividade letiva. É importante continuar a divulgá-la, para que seja bem aproveitada esta hora de graça para a formação cristã, uma hora há muito desejada e que agora surge num formato inovador.

As secções seguintes são de carácter mais utilitário: o habitual calendário diocesano, os anexos e a oração que nos acompanha nesta caminhada rumo ao nosso Jubileu Diocesano. Quanto aos anexos, há que sublinhar que, para facilitar uma visão de conjunto, optou-se por colocar no subsídio o esquema temático geral dos anos pastorais 2025 a 2034. A memória descritiva do logotipo destina-se a registar - para lembrança futura - o significado dos elementos principais que o compõe. São anexos que não nos foi possível colocar no subsídio do ano pastoral transato mas que agora surgem, para que nada se perca.

Esperamos - enquanto Serviço - que este novo instrumento de trabalho possa ser de proveito para todos e agradecemos a quantos, das mais variadas formas, deram o seu contributo para que ele chegasse até cada um de vós.

PE. JACOB FERNANDO NÓIA VASCONCELOS
Diretor do Serviço de Coordenação da Pastoral Diocesana







PROPOSTAS DE AÇÃO A PARTIR DOS OBJETIVOS PARA O ANO PASTORAL

2026-2027



CONVERSÃO

*Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo:
arrependei-vos e acreditai no Evangelho.*

(Mc 1,14)

O encontro com o Mestre exige que estejamos sempre disponíveis para a conversão da nossa vivência cristã individual e comunitária. Só o encontro com Cristo, através da Palavra e dos Sacramentos, nos coloca no trilho de fidelidade ao Evangelho, especialmente através dos recursos de espiritualidade, como a oração, a direção espiritual ou o Sacramento da Reconciliação. A caminhada pessoal autêntica e verdadeira refletir-se-á assim na vivência comunitária.

Consequentemente, as estruturas comunitárias e pastorais deverão ser sujeitas a uma autoavaliação e renovação constantes. Como afirmou o Papa Francisco, "O Concílio Vaticano II apresentou a conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo: «Toda a renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação. Há estruturas eclesiais que podem chegar a condicionar um dinamismo evangelizador; de igual modo, as boas estruturas servem quando há uma vida que as anima, sustenta e avalia. Sem vida nova e espírito evangélico autêntico, sem *«fidelidade da Igreja à própria vocação, toda e qualquer nova estrutura se corrompe em pouco tempo»* (EG, n.26).

Como apontou o último Conselho Pastoral Diocesano, apesar de já existirem estruturas de conversão, é fundamental revitalizá-las, especialmente no que concerne às estruturas de primeiro anúncio. Exemplos destas estruturas incluem os retiros do Movimento Shalom, os Cursilhos e os retiros promovidos pelo Movimento da Mensagem de Fátima e outros que desempenham um papel essencial no contexto diocesano. Além disso, existem experiências pontuais que devem ser difundidas em todas as ilhas, como as iniciativas de oração no estilo Taizé e as atividades dos Grupos Alpha, que demonstram grande potencial para envolver a comunidade.

No que diz respeito aos jovens, sugere-se que grandes acontecimentos, como a Jornada Mundial da Juventude ou a Aldeia da Esperança em São Jorge, possam ter maior continuidade através do acompanhamento e dinamização de momentos de espiritualidade. Na vivência dos retiros, é importante garantir que as estruturas que funcionam bem não se sintam desamparadas pela Igreja institucional, que deve assegurar o seu apoio e integração. Sugere-se, por outro lado, a criação de respostas específicas da Igreja para jovens deslocados, bem como a dinamização de uma pastoral universitária, que possa responder às necessidades espirituais deste grupo.

As paróquias e ouvidorias são igualmente incentivadas a organizar iniciativas que promovam a espiritualidade, abertas a toda a comunidade, com carácter regular e contínuo, de modo a valorizar a vivência comunitária e espiritual.

O caminho de conversão é uma tarefa constante que exige acolher e discernir as novidades do Espírito Santo.

ACOLHIMENTO

Quando ainda estava longe, o pai viu-o e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos

(Lc 15, 20)

O verdadeiro encontro e abraço com Deus e a consequente mudança de vida, a que chamamos conversão, enchem-nos da alegria do Evangelho e levam-nos a abrir o coração e os braços a quem se aproxima de nós, à imagem de Cristo, o Bom Pastor.

É neste fundamento que assenta a pastoral do acolhimento que, mais do que táticas ou normas estruturais, é, antes de mais, o acolhimento de Deus e dos outros. Mais do que seguir regras pastorais, a pastoral do acolhimento consiste em viver o bom senso cristão, o bom senso do Evangelho: amar o outro, cuidar do outro, querer o seu bem, preocupar-se com ele, até de forma antecipada, para que encontre sempre conforto, mesmo quando não seja merecedor de tal bondade da nossa parte. É viver o Mandamento Novo do Amor «*Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei*» (Jo 13, 34).

Contudo, seguem-se algumas achegas do último Conselho Pastoral Diocesano, procurando concretizar este espírito de acolhimento.

Em primeiro lugar, somos convidados a promover momentos de convívio e de confraternização nos nossos ambientes eclesiais. Uma comunidade que apenas se vê na Eucaristia, que chega atrasada à Missa e até sai antes da bênção final para evitar cruzar-se com os outros, revela sinais de doença espiritual. Uma comunidade cristã que desconhece o nome e rosto daqueles que habitualmente dela fazem parte, só revela que não é Povo de Deus, mas uma multidão de desconhecidos. Contra esta doença espiritual e comunitária existe um remédio que, felizmente, ainda se encontra em algumas paróquias: a beleza do encontro no adro das igrejas, antes ou após as Missas Dominicais, onde várias gerações se encontram e partilham as alegrias da semana, mas também as suas preocupações. Este foi um dos pontos de maior relevo no último Conselho Pastoral Diocesano. Que estes momentos sejam valorizados, tanto pelos leigos como pelos sacerdotes.

Também é necessário reforçar os encontros que já existem. Muitas são as festas paroquiais, as festas do Espírito Santo, as romarias, ou até simples iniciativas de angariação de fundos que promovem de forma tão admirável o encontro entre famílias, migrantes e pessoas até então desconhecidas. Tanto quanto possível, as comunidades cristãs devem privilegiar iniciativas que favoreçam o encontro presencial.

Ainda neste sentido do acolhimento, na sua vertente litúrgica e celebrativa, sugere-nos o Conselho Pastoral Diocesano que as comunidades cristãs encontrem os horários mais adequados à realidade laboral atual; que se facilite o acesso aos espaços celebrativos às pessoas com deficiências visuais, auditivas ou motoras e que se promova uma nova mentalidade de acolhimento de todos os tipos de família, para que todos se sintam verdadeiramente parte da grande família da Igreja.

É igualmente urgente humanizar as relações, gerando proximidade. Neste âmbito, importa criar equipas de voluntários que acompanhem as famílias em momentos de maior fragilidade (ex: por ocasião de funerais, de luto, de tragédia ou de doença) ou mesmo para favorecer a integração comunitária de todos em âmbitos gozosos e de esperança.

Ainda, num mundo marcado por discursos cada vez mais polarizados, a Igreja é também chamada a ser mãe e servidora, acolhendo os imigrantes e promovendo a sua integração na vida comunitária e até sacramental, para que não fiquem encerrados em becos existenciais que facilmente os poderão conduzir à exclusão, marginalização ou dependência.

Cada comunidade cristã deve procurar, com sã criatividade, a partir destas propostas, discernir evangelicamente o que deve fazer e como o deve fazer.

MISSÃO

E Jesus voltou a dizer-lhes: «A paz esteja convosco! Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós».

(Jo 20, 21)

A Igreja convertida à alegria do Evangelho vive o acolhimento no seu seio. Mas, como mãe, também sabe que não pode permanecer confortavelmente instalada na sua própria existência. Tem ainda filhos a reunir, que se encontram longe de si. Tem ainda de cumprir o mandato de Jesus: *«Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo o que vos mandei»* (Mt 28, 19-20a).

Por isso, o Papa Francisco alertou repetidamente para a necessidade de a Igreja sair em missão: não se fechar sobre si mesma, nem fechar Jesus nas igrejas, mas ir ao encontro de um mundo que já não quer saber d'Ele. No último Conselho Pastoral Diocesano surgiu, aliás, a proposta de criar uma pastoral do "bater à porta", constituída por leigos voluntários dispostos a ir ao encontro das pessoas. Estas equipas poderão existir ao nível paroquial, de unidade pastoral, Ouvidoria ou outrem. Chamem-se para elas os membros do Povo de Deus ligados à Pastoral Social em geral, aos movimentos que a ela se dedicam em particular e quantos estejam ou possam ser despertados para esta bela missão. A concretização do *modus operandi* destas equipas fica ao encargo daqueles que as constituírem, permitindo-se assim uma maior adaptação da ação à especificidade de cada ambiente açoriano.

Neste “bater à porta” mais amplo que o gesto concreto, a Igreja é chamada a sair em missão e a dar testemunho nos ambientes onde os cristãos estão inseridos: nas famílias, no mundo laboral, nas instituições cívicas, culturais, políticas militares, académicas e em tantos outros contextos da vida social. Com efeito, se não for sustentada pelo testemunho e exemplo, a palavra será sempre oca e desprovida de credibilidade.

Ao olharmos para a História da Igreja, percebemos que ela está em saída constante desde as origens. Não permaneceu fechada no cenáculo após o Pentecostes, mas percorreu o mundo até chegar a estas ilhas açorianas. E, nessa missão, não levou apenas o nome de Jesus e a sua cruz. Levou também o Evangelho e os valores humanos e divinos que dele brotam e continuam a orientar a ação da Igreja. Afinal, é através de uma humanidade cuidada e vivida que melhor se revela a divindade de Jesus.

Também os Açores testemunham esta ação missionária da Igreja. Numa primeira fase, estas ilhas foram cuidadas pela Ordem de Cristo. Muito antes de se falar em Região Autónoma, 442 anos antes, para sermos exatos, os Açores já viviam numa Igreja diocesana própria, completamente autónoma da Diocese do Funchal e até da capital do Reino, com identidade própria e um bispo próprio.

Ao longo dos séculos, esta presença fez-se sentir de muitas formas. Os colégios dos jesuítas, existentes em três ilhas, tornaram-se importantes centros de saber, a par de outras escolas promovidas por ordens e congregações religiosas. As Misericórdias ergueram hospitais e instituições de cuidado, e, ainda hoje, religiosos e religiosas continuam ainda hoje ao serviço dos doentes nos hospitais e casas de saúde. A caridade, vivida em nome do Senhor Espírito Santo, marcou e marca profundamente a identidade do povo açoriano. Foi igualmente decisiva a ação dos párocos, verdadeiros pais e provedores das suas paróquias açorianas. Para além de anunciarem o Evangelho e de ensinarem a doutrina cristã, muitos ensinaram a ler e a escrever, promoveram instituições culturais e sociais, como filarmónicas, centros sociais e lares, e, não raras vezes, serviram de interlocutores entre as populações mais simples e as instituições do Estado Português.

Foi esta Igreja diocesana, sempre em saída, que marcou profundamente a sociedade açoriana. E, nesta Europa de “igrejas vazias”, este pequeno rebanho não pode cruzar agora os braços nem permanecer confortavelmente sentado em bancos que se vão esvaziando. Se desejamos que a Igreja continue a ser uma presença relevante nestas ilhas, é necessário dar testemunho, cuidando de quem mais precisa. Os cristãos açorianos não se podem substituir ao Estado Português e à Segurança Social no cuidado dos seus semelhantes. É louvável as ações do Estado em benefício dos que mais carecem de ajuda. Mas o Estado não pode ser o único nesta ação. A Igreja não se pode desresponsabilizar, mergulhada numa inércia e preguiça espirituais, fruto de um derrotismo e desesperança. O cuidado dos mais pobres não é algo apenas pedido pela Igreja, mas pelo próprio Cristo: *«Quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos. E serás feliz por eles não terem com que te retribuir; ser-te-á retribuído na ressurreição dos justos.»* (Lc 14, 13-14).

Para isso, é necessário conhecer bem a realidade açoriana, para discernir onde somos chamados a fazer a diferença e agir como convém. É este o método proposto pela Ação Católica, “ver, julgar e agir”, que poderá ser uma ferramenta pastoral de grande atualidade e utilidade para quem se aplica a estes cuidados pastorais.

Importa, uma e outra vez, recordar que não somos escravos de formalismos pastorais. A ação da Igreja só pode nascer da alegria do Evangelho, da alegria de quem se sabe encontrado e abraçado por Deus. Por isso, cada cristão é chamado a ser um sinal de esperança e de alegria. Que a vida de cada um seja o testemunho através do qual todos, todos, todos possam escutar o primeiro anúncio: *«Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer e libertar.»*



The Prophet's Disobedience

Now the word of the LORD came to Jonah the prophet, saying, "Arise, go to Nineveh, because I have pronounced judgment against it for its iniquity. Turn now from your evil way, and preach to them, saying, 'Perhaps they will turn from their evil.'"

10 And Jonah arose and went to Nineveh, according to the word of the LORD. Now Nineveh was a great city, and it was so large that it took three days to go through it.



CATEQUESES PARA A FORMAÇÃO DO POVO DE DEUS





CATEQUESE 1

CONVERSÃO

Tendo entrado em Jericó, Jesus atravessava a cidade. Vivia ali um homem rico, chamado Zaqueu, que era chefe de cobradores de impostos. Procurava ver Jesus e não podia, por causa da multidão, pois era de pequena estatura. Correndo à frente, subiu a um sicômoro para o ver, porque Ele devia passar por ali. Quando chegou àquele local, Jesus levantou os olhos e disse-lhe: «Zaqueu, desce depressa, pois hoje tenho de ficar em tua casa.» Ele desceu imediatamente e acolheu Jesus, cheio de alegria. Ao verem aquilo, murmuravam todos entre si, dizendo que tinha ido hospedar-se em casa de um pecador. Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: «Senhor, vou dar metade dos meus bens aos pobres e, se defraudei alguém em qualquer coisa, vou restituir-lhe quatro vezes mais.» Jesus disse-lhe: «Hoje veio a salvação a esta casa, por este ser também filho de Abraão; pois, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido».

(Lc 19, 1-10)

A CONVERSÃO: UM CAMINHO DE VIDA

Quando se pensa em conversão, muitas vezes fica-se no lugar de um acontecimento único, isolado, que acontece apenas a quem muda de religião ou de igreja. No entanto, a conversão é muito mais do que isso. Assim, o que podemos dizer sobre esta realidade? A catequese tradicional descreve-a como um regresso a Deus após o afastamento do pecado. A teologia moral destaca a dimensão da mudança de conduta. A tradição ascética insiste na necessidade de práticas penitenciais que disciplinem o corpo e a vontade. A Escritura, por sua vez, utiliza um termo que atravessa e transcende todas estas perspetivas: a metanoia, uma mudança de ser, ao nível do entendimento, do coração, de forma profunda de como a realidade é percebida. Trata-se de uma transformação da visão, não apenas uma revisão do comportamento, mas uma revolução da sensibilidade.

Há algo importante a considerar, a partir da experiência das Escrituras, em especial do Evangelho: a iniciativa primeira é de Deus, é de Cristo. Quero ficar em tua casa! Esta expressão forte da vontade divina em ir mais fundo ao encontro de Zaqueu ou de cada um de nós. Deus quer-nos livres. A conversão é um caminho de vida, de sermos livres com Ele, tratando-se de uma resposta ao apelo divino de participar da sua vida em plenitude.

UM CAMINHO DE VIDA NA DESCOBERTA DE QUEM SOMOS...

Toda a pessoa que é verdadeira consigo mesma tem consciência do complexo que é essa adesão plena a Deus. Estamos muito agarrados à nossa autossuficiência. Ainda mais, numa sociedade que impele a que o gosto pessoal, o apetite imediato, as vontades próprias tenham um peso quase endeusado. É certo que não se trata de uma desconsideração de quem somos, das nossas vontades, até mesmo apetites, estes apenas devem ser colocados no lugar que nos ajude a sermos mais conscientes e compassivos, à semelhança de Deus. Para isso, a conversão tem de ser uma travessia radical, em especial em relação ao nosso pecado, que impede o profundo amor.

Em nós, habitam as forças que nos podem a levar a decisões de pecado, mesmo não querendo, e as que nos impelem a subir a um sicômoro e deixarmos-nos acolher Jesus na nossa casa, em gestos concretos de amor. Sabendo que temos um caminho de entregas e de caídas, é importante tomar consciência da nossa condição de pecadores, buscando a graça divina, tanto na oração, como na reconciliação, em especial no sacramento.

É de grande ajuda viver em cada dia o Exame de Consciência. S. Inácio de Loyola, a partir dos Exercícios Espirituais, deixou-nos este Exame a ser feito diariamente em um quarto de hora, permitindo, assim, conhecermo-nos a partir dos nossos movimentos interiores diante da realidade vivida. Nesse conhecimento, somos convidados a deixar que Deus nos ilumine o caminho, tornando-nos mais próximos dele.

O Exame ajuda-nos a rever o nosso passado recente para perceber onde permitimos Deus estar, acolhendo ou não as suas graças. Esse olhar para o que passou ajuda-nos a encontrar também momentos do dia em que as coisas não nos correram tão bem - quando algo nos magoou ou quando pecámos ou errámos.

Damos espaço ao louvor e ao agradecimento pelo bem acontecido e recebido. Pedimos perdão e reparação para os momentos difíceis e dolorosos. Tendo refletido no dia que passou, passamos então ao dia ou tempo que se aproxima e pedimos a Deus que nos ilumine os possíveis desafios e oportunidades do amanhã. Tentamos antecipar quais os momentos que podem seguir um caminho ou outro: ir na direção do plano de Deus ou na direção oposta. Pedimos ajuda para saber de que graças iremos precisar para viver bem o dia que virá: paciência, sabedoria, fortaleza, autoconhecimento, paz, otimismo. Pedimos a Deus a graça que mais necessitamos e confiamos que Ele quer, ainda mais que nós próprios, a nossa plenitude nesse dia.

Esta é a base do Exame Inaciano. S. Inácio dizia que este deve ser o momento mais importante do nosso dia. Porquê? Porque este momento vai afetar todos os outros momentos. O modo como deixo que Deus se faça mais presente na minha vida, ou seja, como nos vamos convertendo, fará com que sejamos mais conscientes da sua vida em nós.

Roberto Pasolini, ofm, pregador da Casa Pontifícia, numa conferência de Quaresma, afirma que «a conversão é uma viagem exigente porque tem a tarefa de curar a nossa existência, restaurando a nossa relação com Deus, o nosso Criador e Salvador.

É uma dádiva da graça, mas ganha forma na repetição concreta de gestos e escolhas que começamos a viver em liberdade e amor.

A sua eficácia depende precisamente da capacidade de preservar estes gestos ao longo do tempo, mesmo quando se tornam cansativos ou repetitivos. Não é um esforço estéril: é a fidelidade daqueles que já vislumbraram o significado e o valor daquilo que estão a viver e, precisamente por essa razão, continuam a praticá-lo com liberdade e alegria».

... NO ENCONTRO AMOROSO COM DEUS

A conversão em caminho leva-nos ao encontro com Deus. Por outras palavras, ao encontro do Amor em toda a sua plenitude, desde os pequenos gestos quotidianos às grandes decisões de vida. São Carlos de Foucauld disse de forma veemente que «desde o momento em que compreendi quem era Deus para mim, soube que só poderia viver para Ele». Amar a Deus nessa plenitude abre-nos ao amor ao próximo. O grande sinal de que a conversão acontece dá-se no sinal visível na nossa relação com os outros. A medida do nosso encontro amoroso com Deus vive-se na mesma medida de amor nas nossas palavras, nos nossos gestos, nas nossas atitudes para com o próximo, como aconteceu com Zaqueu. José A. García, sj, em Janelas para Deus, é claro: «Assim, com toda a certeza: o amor de Deus em nós suscita um movimento que nos leva a conectar a vida e a imaginação ativa, todas as dinamizações históricas de que somos capazes como indivíduos, comunidades e Igreja, ao projeto de Deus: a inclusão na fraternidade vivida a partir da inclusão na filiação».

QUESTÕES PARA REFLEXÃO E DIÁLOGO:

- 1.** Como tenho vivido a minha conversão diária?
- 2.** Tenho dado espaço a Deus na minha vida?
- 3.** Tenho consciência de que a conversão me leva a lugares de amor a Deus e ao próximo?
- 4.** O que me é mais difícil entregar em conversão a Deus?

PE. PAULO DUARTE, SJ



CATEQUESE 2

ACOLHIMENTO

Encarnar o amor de Deus
na trama concreta da vida

Porque Ele nos amou primeiro

(1 Jo 4, 19)

Como a tradição cristã ensina e, tão ampla como belamente, se tem expressado através de inúmeras formas artísticas, o mistério da Encarnação enche-nos de admiração, de espanto e de alegria: eis que o Filho de Deus entra na história e, com essa proximidade, nos oferece a possibilidade de vivermos a nossa frágil vida com a força transformadora do acolhimento. E assim esta se reaviva num «lugar de salvação», isto é, de amor, de renovação e de verdade.

1. A VIDA É LUGAR DE SALVAÇÃO

Todos temos consciência da presença simultânea da força e da fragilidade que acompanham cada nascimento. A prosa poética de Boris Pasternak, através dos olhos de um pai, foi capaz de nos mostrar o acolhimento da vida como o mistério inalterado da vontade inaugural dos Futuros: de como esta vontade aproxima a humanidade, por mais que a ciência compreenda e se interponha.

Com sensibilidade, descreve a transformação da mãe quando acolhe o filho, num gesto de «abandono» e de «concessão de si mesma», num misto de dor, de coragem e de dignidade. Ela dá-se, já desde a gravidez, a si mesma, «administrada pelo futuro que sairá dela», o nascimento esperado como um gesto fundador que atualiza a esperança na misericórdia e na justiça.

2. DEUS FAZ MARAVILHAS

O momento dramático do parto desencadeia em Pasternak uma meditação sobre o significado espiritual do nascimento e da vida, que assim surge renovada, levando-o ao Magnificat: porque as mães procuram um plano da existência tranquilo, onde possam colocar o berço em segurança, sem medo, «pedem a Nossa Senhora: "Ora dedicadamente pelo Teu Filho e Teu Deus". Colocam nos seus lábios trechos do salmo: "Meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador, porque olhou para a sua pobre serva. Por isto, desde agora, me proclamam bem-aventurada em todas as gerações."» Aquele que é poderoso faz maravilhas e Maria acolhe a sua Glória. Mas cada mulher pode, afinal, dizer o mesmo: onde há dor e esforço, há também grandeza moral e triunfo interior, pois é Deus quem vem até ela naquela criança.

Por isso, o acolhimento de uma nova vida é um re-começo para toda a humanidade e o coração da mãe pressagia que, no pequeno ser dormindo tranquilo no berço, acolhe a imensa promessa de talento e de vontade de um génio e de um deus.

3. CONSTRUIR A NOSSA HUMANIDADE

Nas linhas que o Novo Testamento dedica a Maria, outros episódios complementam o relato da Anunciação do Anjo e exprimem quão longe a maternidade do coração é capaz de a levar. Maria, no seu dom do acolhimento, é quem se apressa a seguir para casa de Isabel, recolhendo em si as dificuldades desta, resolvendo-as. E quando, junto da cruz, Cristo a entrega ao cuidado do apóstolo preferido e essa hora da morte do Filho a desafia a ir mais além do sofrimento, Maria está disponível para acolher a humanidade: «Jesus, ao ver sua mãe e, ao lado dela, o discípulo que ele amava, disse a sua mãe: “Mulher, este é o teu filho”. Depois disse ao discípulo: “Esta é a tua mãe”. Daquela hora em diante, o discípulo a acolheu consigo» (Jo 19,25-27). Maria não se aparta para se entregar à provação, não desiste. Ela, que acolheu sempre, é também capaz de se deixar acolher.

4. AMOR E RESPONSABILIDADE

O Papa Leão lembra-nos que a Encarnação, o mistério do Filho de Deus vivo na sua descida à história, é a de «um Deus que nasce na manjedoura, um Deus que vive e viaja pela Judeia, um Deus que morre na cruz, um Deus morto que jaz no sepulcro». Este acontecimento charneira abre à humanidade a via para o acolhimento e, aceitando a sua fraqueza, liberta-a do medo e da escravatura. Neste mistério, o acolhimento se enraíza como movimento existencial primeiro, reconhecendo, com uma radicalidade surpreendente, que não há «circunstância ou condição humana que não seja digna de Deus». O porvir da humanidade encontra assim o seu critério na capacidade de acolher esta forma divina de se aproximar, de partilhar o peso do mundo, de transformar as relações a partir de dentro.

O que salva o ser humano «é o amor divino que desce ao ponto mais vulnerável da sua história e a regenera profundamente», convidando-nos a associar-nos a esse amor, a assumirmos a nossa quota-parte de responsabilidade perante Deus e perante os outros.

5. MAIS DO QUE HUMANOS

Tal como a mãe narrada por Pasternak, que se ultrapassa a si mesma e aos seus limites a fim de oferecer o filho ao mundo, e assim para ele advoga uma existência plena e significativa, o Papa Leão recorda que «o ser humano não está confinado aos limites da própria natureza». Cada um de nós é chamado a transcender-se a si mesmo, «não para fugir da realidade ou por desprezo dos limites, mas para se realizar no amor». A fé impulsiona-nos para um «além de» que nasce do dom de Deus, obra e graça do Espírito Santo em nós. E o Papa Francisco, quem nos ensinou que o acolhimento é o primeiro passo para a misericórdia, insiste que é esse movimento interior que nos permite «ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro». São, pois, os olhos da fé e o discernimento que esta suporta, os instrumentos de humanização que nos permitem corresponder ao difícil compromisso de acolher.

6. CONSTRUTORES DE COMUNHÃO

Sermos acolhedores, acolhermos, não é uma tarefa fácil. Mesmo aqueles que amamos facilmente nos criam obstáculos, nos cansam com os seus pedidos, as suas manias, as suas exigências. A cultura também insiste continuamente que devemos fechar-nos, relaxarmos, isolarmo-nos e, autossuficientes e competitivos, deixarmo-nos levar pelo prazer imediato, pelas «coisas», sejam elas materiais ou da ordem da vida psicológica. A nossa própria vida interior tem as suas exigências, o ritmo dos dias de hoje pode ser infernal, sem tempo, sem espaço, enfraquecendo-nos, erodindo a nossa imaginação e a nossa vontade.

E quando confrontados por um «outro» que é estranho, estrangeiro, distante, fraco, pobre, marginal, não é impossível que o nosso espírito consumista, apequenado pelos confortos da vida moderna, debilitado pelo egocentrismo, ameaçado pelas inverdades e a manipulação das redes sociais, se encha de medo, de repugnância, de fuga. Mas Deus chama-nos a viver relações que libertam com todos, todos, todos... O acolhimento é uma vontade, um esforço, um empenho, uma batalha que nunca vencemos totalmente, mas que nos leva, pouco a pouco, passo a passo, a uma comunhão transformadora. Não somos deuses nem génios, como a nossa mãe sonhou naquele momento inaugural, movida de bravura e de entrega. Mas, confiados aos laços que cultivamos e à liberdade profunda do acolhimento do outro, esperamos ser elevados «pela inesgotável graça divina» à plenitude da nossa humanidade, um dia de cada vez.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO E DIÁLOGO:

- 1.** No contexto das nossas vidas – com os seus ritmos, tribulações, desafios e recompensas – reservamos tempo e disponibilidade interior para acolher verdadeiramente o Mistério da Encarnação?
- 2.** Em que medida estou aberta/aberto a identificar e a acolher as maravilhas que Deus, Pai Todo Poderoso, oferece à minha vida quotidiana através daqueles que me foram confiados?
- 3.** Sou capaz de me encontrar com as pessoas que se aproximam dos meus planos, dos meus trabalhos, dos meus momentos de descanso, das minhas fragilidades, e «vivê-las», na sua originalidade e diferença, com um coração materno, cheio de gozo, de confiança e de esperança?

CRISTINA SÁ CARVALHO



CATEQUESE 3

MISSÃO

*O Espírito disse a Filipe:
«Aproxima-te e acompanha esse carro».*

(At 8,29)

No primeiro ano do Projeto Pastoral da Diocese de Angra, a pergunta foi: «Cristão, que dizes de ti mesmo?». A Diocese regressou à fonte: ao Batismo e à responsabilidade de cada batizado.

No segundo ano, abre-se a pergunta da missão: «Como chegar à outra margem?» A outra margem tem rostos concretos: pessoas que procuram sentido, famílias que esperam acompanhamento, jovens que procuram futuro, pobres e frágeis, pessoas que conservam uma memória crente desligada da comunidade e vidas em que Deus já trabalha silenciosamente.

Esta pergunta dirige-se também à própria comunidade cristã. Uma Igreja pode ter presença, serviços e reuniões e, ainda assim, precisar de se reencontrar com a alegria do Evangelho. A missão começa quando a Igreja olha para a realidade com humildade e deixa que o Espírito a renove por dentro.

A missão nasce do amor do Pai, participa no envio do Filho e é conduzida pelo Espírito Santo. Atravessar para a vida concreta é reconhecer ali os sinais do Espírito e anunciar Cristo.

Filipe e o eunuco dão-nos a imagem bíblica deste segundo ano: aproximar-se, caminhar ao lado, escutar, anunciar Jesus a partir da Escritura e acompanhar até ao Batismo e à alegria.

1. UMA IGREJA QUE NASCE DO BATISMO E SAI EM MISSÃO

Pelo Batismo, cada cristão participa da vida e da missão de Cristo. A missão pertence ao Povo de Deus inteiro. Cada batizado, segundo a sua vocação, participa no múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, em comunhão com os pastores.

A travessia missionária começa na passagem de uma Igreja centrada na conservação para uma Igreja habitada pela alegria de gerar discípulos. Pede comunidades onde os dons sejam reconhecidos, homens e mulheres participem de forma real, a vida das famílias seja acolhida na pastoral e muitos deixem de assistir para passar a servir.

2. UMA IGREJA QUE CONVERTE O OLHAR

Antes de perguntar quem está longe, a comunidade deve perguntar o que significa estar perto. A presença assídua, o exercício de funções ou a familiaridade com a linguagem religiosa podem coexistir com formas subtis de distância: distância da escuta, da comunhão, da misericórdia, da alegria do Evangelho e da disponibilidade para a missão.

A palavra “afastados” deve ser usada com humildade e discernimento. Há quem esteja longe da prática e guarde sede de Deus; há quem esteja perto da estrutura e precise de reencontrar a frescura do Evangelho. Há afastamentos feitos de dor, cansaço, vergonha ou ausência de convite, mas há também afastamentos interiores, escondidos pela rotina ou pela autossuficiência.

Quando as pessoas passam a ter nome, rosto e história, a missão torna-se evangélica. A Igreja aprende a caminhar com o povo real, reconhecendo que o Espírito a precede onde julgava encontrar apenas distância.

3. UMA IGREJA QUE ESCUTA PARA ANUNCIAR CRISTO

Filipe aproxima-se e pergunta: «Entendes, porventura, o que estás a ler?». A missão começa neste gesto de se aproximar sem dominar, perguntar sem controlar e escutar antes de falar. A escuta cristã é sempre obediência ao Espírito, que já trabalha no coração daqueles a quem a Igreja é enviada.

Escutar pede anúncio. Filipe permanece junto da pergunta do eunuco e, a partir dela, anuncia Jesus. A Igreja escuta para reconhecer a sede que existe nas pessoas e anuncia Cristo, fonte de misericórdia e esperança.

Uma Igreja missionária escuta para anunciar melhor o Evangelho no tempo que Deus lhe confia. A sinodalidade torna-se forma da missão: escutar o Povo de Deus, discernir no Espírito, decidir em comunhão e anunciar Jesus Cristo com verdade e alegria.

4. UMA IGREJA EM QUE TODOS SÃO CHAMADOS

A travessia missionária pede uma Igreja inteira em caminho: pastores, leigos, consagrados, famílias, jovens, idosos, movimentos, serviços e instituições.

Uma comunidade missionária reconhece que o Espírito distribui dons diversos e que cada carisma encontra a sua verdade no serviço. Cada estrutura eclesial ganha sentido quando ajuda a aproximar, escutar, formar para a missão, anunciar Cristo e gerar discípulos.

A sinodalidade começa na passagem de uma Igreja onde poucos decidem e fazem por muitos para uma Igreja onde muitos escutam, discernem e servem juntos. Conselhos pastorais, ouvidorias e movimentos tornam-se lugares de participação, corresponsabilidade, transparência e envio.

5. UMA IGREJA QUE ATRAVESSA AS MARGENS DOS AÇORES

Na Diocese de Angra, a imagem da margem tem uma força própria. Somos uma Igreja de ilhas, marcada pelo mar, pela distância, pela partida e pelo regresso. A margem pertence à nossa geografia e também à nossa vida pastoral: existe entre gerações, entre ilhas, entre a fé recebida e a fé vivida, entre a comunidade que celebra e aqueles que esperam acompanhamento.

A missão começa muitas vezes perto: na casa de quem vive só, no jovem que parte, no migrante que procura lugar, na promessa que permanece, na devoção que resiste, na fé guardada na memória e ainda aberta ao encontro.

A piedade popular do nosso povo é também margem de missão.

As festas, as romarias, o Espírito Santo e o Senhor Santo Cristo dos Milagres revelam uma fé enraizada, comunitária e viva. Quando a comunidade acompanha, forma e conduz a Cristo, essa memória crente torna-se caminho de Evangelho.

Também o encontro com outras Igrejas cristãs, com pessoas de outras religiões e com todos os que servem a justiça, a paz e os frágeis pertence a esta travessia. A missão alarga o olhar da Igreja e torna-a mais próxima de quem vive nas margens, reconhecendo onde o Espírito já semeia comunhão, sede de Deus e serviço ao bem comum.

6. UMA IGREJA QUE CAMINHA COM A IGREJA UNIVERSAL

A pergunta deste ano pastoral coloca a Diocese de Angra no caminho que a Igreja universal percorre. Uma Igreja sinodal é missionária porque caminha com o Povo de Deus, reconhece os sinais do Espírito na vida concreta das pessoas e responde-lhes com o Evangelho.

Quando a Igreja universal pergunta pelo rosto concreto da Igreja sinodal missionária, convida cada Igreja local a olhar para a sua realidade e a discernir os passos que o Espírito lhe pede.

Em Angra, esse discernimento ganha uma forma pastoral concreta: que rosto missionário estamos a oferecer a todos os que Deus já conduz? Terá de ser uma Igreja que se aproxima, escuta, anuncia, integra, forma e envia para a vida concreta do nosso povo, fazendo da distância lugar de comunhão e das margens lugar de encontro.

CONCLUSÃO

A ordem do Espírito continua atual: aproxima-te e acompanha. Depois de redescobrimos o Batismo, atravessamos com a alegria do Evangelho.

A missão começa nesse movimento de sair de si, caminhar ao lado, escutar a vida e anunciar Jesus Cristo, porque a outra margem é o lugar onde a Igreja se redescobre enviada, aprende a escutar o Espírito e se torna sinal do Evangelho.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO E DIÁLOGO

1. Que realidade concreta da nossa comunidade ainda não estamos a escutar, apesar de fazer parte da missão que Deus nos confia?

2. Que formas de distância ao Evangelho existem entre nós, também dentro da própria comunidade, nas nossas linguagens, hábitos, estruturas e modos de decidir?

3. Que conversão pastoral e sinodal nos é pedida para passarmos da conservação à participação real, corresponsável e transparente, ao anúncio de Cristo e à formação de discípulos?







EQUIPA SINODAL DA DIOCESE DE ANGRA

MISSÃO E OBJETIVOS PARA O
ANO PASTORAL 2026-2027



Na carta Pastoral «Batizados na Esperança», Dom Armando Domingues salientava a importância da Equipa Sinodal, responsável por acompanhar o Sínodo da Igreja Universal e por concretizar a sua caminhada na vivência da Diocese de Angra, cujo Projeto Pastoral até 2034 é, como pretende o nosso Bispo, eminentemente sinodal.

A agenda da Equipa Sinodal para este ano pastoral de 2026-2027 vai concretizar-se na proposta e agendamento de Assembleias de Ouvidoria. À exceção de Vila Franca, que já teve a sua Assembleia, a Equipa Sinodal estará em contato com os ouvidores da Diocese no sentido de, em comunhão com o Serviço da Pastoral, organizarmos, em cada Ouvidoria, essa Assembleia, que se pretende participativa e representativa. Essas Assembleias de Ouvidoria devem ser abrangentes, alargadas também a entidades não religiosas, de forma a serem uma imagem o mais fiel possível da realidade da Ouvidoria. Cada Ouvidoria. Ao mesmo tempo, querem ajudar o Povo de Deus a escutar, discernir e assumir a missão comum. Decorrerão segundo uma metodologia comum de escuta, diálogo espiritual, discernimento comunitário e síntese. Os resultados desses encontros de auscultação e participação hão de fornecer os elementos para a realização, a 10 de junho de 2027, de uma Assembleia Final, diocesana, de síntese e discernimento. Esta Assembleia final será formada por pessoas representantes das estruturas diocesanas e outras convidadas pelo Senhor Bispo, tendo em conta o que elas representam em termos de sociedade, pensamento e fé, de forma a criarem um ambiente de estudo e aprofundamento de todo o trabalho feito até então nas Ouvidorias.

Todo este processo, desde as Assembleias de ouvidoria até à Assembleia Final, tem três objetivos:

1-ACOMPANHAR O PERCURSO DA CAMINHADA SINODAL DA IGREJA UNIVERSAL ATÉ À ASSEMBLEIA ECLESIAL DE ROMA EM OUTUBRO E 2028.

O percurso sinodal em curso entra, no primeiro semestre de 2027, numa etapa particularmente importante para a vida das Igrejas locais. Trata-se de um tempo de memória, discernimento e auscultação, destinado a ajudar cada Diocese a reconhecer os frutos

frutos do caminho realizado desde a conclusão do Sínodo 2021-2024 (nos Açores a caminhada sinodal remonta a 2018), a identificar os desafios que permanecem e a discernir os novos passos que o Espírito Santo suscita para a missão da Igreja. Mais do que um exercício de avaliação ou de novos encargos para as Dioceses, desencarnados da dinâmica pastoral própria, pretende-se promover um verdadeiro processo eclesial de escuta, participação e corresponsabilidade, capaz de fortalecer a comunhão e de renovar o compromisso missionário das comunidades cristãs. Neste sentido, a cada Assembleia de Ouvidoria será feita a pergunta que Roma pediu que se fizesse a todas as comunidades locais: “À luz do caminho empreendido após a conclusão do Sínodo 2021-2024, e com vista a oferecer os seus frutos como dom às outras Igrejas e ao Santo Padre: qual o rosto concreto de Igreja sinodal missionária e que novos caminhos de sinodalidade estão a surgir na nossa comunidade?”

2-ACOMPANHAR A DIOCESE NA CONCRETIZAÇÃO DO PROJETO PASTORAL DIOCESANO, QUE JÁ ESTÁ A ENTRAR NO SEGUNDO ANO DO PRIMEIRO TRIÊNIO.

Como escrito acima, o Projeto Pastoral Diocesano tem um cariz eminentemente sinodal, onde a comunhão, a participação e a missão são fundamentais. Pretende-se ajudar e acompanhar o processo de criação e aperfeiçoamento das estruturas de comunhão e sinodalidade, bem como dialogar sobre as propostas para o segundo ano, baseadas na conversão, no acolhimento e na missão. Sabemos que ainda há um caminho razoavelmente longo para levarmos a cabo todas as propostas do primeiro ano do Projeto. Por outro lado, ao olharmos para o vasto número de cristãos que se afastaram da vida comunitária ou que vivem uma relação frágil, ferida ou intermitente com a Igreja, sentimos um desejo de encontrar caminhos para o seu regresso, o que significa irmos ao seu encontro, numa perspectiva de conversão pessoal, acolhimento e missão, propostas para o segundo ano.

3- CRIAR ESPAÇOS DE COMUNHÃO, DIÁLOGO E PARTILHA NA DIOCESE.

Este não é, certamente, o menos importante dos três objetivos. A nossa Diocese vive uma condição arquipelágica que não é apenas geográfica.

Durante mais de 400 anos, as ilhas, sobretudo as mais pequenas, significavam profundo isolamento. Criou-se também uma distância cultural e histórica, em que permanece um afastamento mais do que físico entre as ilhas.

Nem as novas tecnologias parecem anular ou diminuir consideravelmente essa distância. A nossa condição é, ao mesmo tempo, um desafio e uma graça, que nos deve levar a uma sinodalidade feita de presença, proximidade, escuta, reconhecimento mútuo e comunhão real entre ilhas e Ouvidorias. A presença física torna-se, também hoje, urgente. Neste sentido, as visitas às comunidades e as Assembleias de Ouvidoria serão momentos privilegiados de debate, de diálogo, de encontro, onde a Igreja se sente, de verdade, Povo de Deus. É muito importante não esquecer que a sinodalidade é sobretudo "koinonia", comunhão.

Todo este processo será organizado em comunhão com o Serviço de Coordenação da Pastoral Diocesana, no sentido de concretizar o melhor possível o Projeto Pastoral, concatená-lo com a Caminhada Sinodal da Igreja Universal e proporcionar um maior diálogo e comunhão na nossa Diocese.

A EQUIPA SINODAL DA DIOCESE DE ANGRA







ESCOLA DIOCESANA DE FORMAÇÃO



A Escola Diocesana de Formação dá início a um novo Ano Pastoral com uma ampla oferta formativa, ao serviço da formação e do crescimento na fé de todos os que desejam aprofundar o seu conhecimento e compromisso na vida da Igreja.

Neste ano tem início um novo percurso de três anos do Curso Básico de Teologia, bem como um percurso de dois anos de formação para candidatos aos Ministérios Laicais Instituídos. Além disso, estarão abertas as inscrições para os cursos do 2.º semestre, uma excelente oportunidade para investir na sua formação humana, cristã e pastoral.

Inscreva-se e faça parte deste caminho de formação!

Informações e Inscrições:

www.formacao.diocesedeangra.pt

Inscrições no 2º Semestre do Ano Académico 2026/27:

1 de dezembro de 2026 a 20 de janeiro de 2027

Inscrições para o Ano Académico 2027/28:

1 de maio a 10 de junho de 2027

OFERTA FORMATIVA ANO ACADÉMICO 2026/2027 | 2º SEMESTRE

INTRODUÇÃO À TEOLOGIA

A viragem antropológica da teologia (Kant, Rahner) leva a uma teologia que se desenvolve antropológicamente. «Aprove a Deus revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade» (DV2). Este curso versa sobre os dois eixos da arquitetura teológica: o Mistério de Deus, que se revela trinitariamente, e o Mistério da Humanidade, sujeito «ouvinte da Revelação» redimido por Cristo.

O caminho humano alcança a sua plenitude escatológica em Deus. Serão oferecidas ao aluno ferramentas e conceitos que lhe conferem autonomia para prosseguir no estudo da ciência teológica.

ANTIGO TESTAMENTO

Conhecer em linhas gerais as características dos diversos corpos literários do Antigo Testamento, em ordem à compreensão da Revelação na História da Salvação e sua evolução, procurando enquadrar as diversas temáticas no seu ambiente natural, tendo em conta as noções básicas de História e Geografia do Povo Bíblico.

PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

O curso tem como objetivo conhecer as várias perspetivas do desenvolvimento psicológico humano: cognitivo, social, moral e religioso; Compreender o que é e como se processa ao longo do Ciclo de Vida o desenvolvimento da religiosidade em diferentes dimensões; Discutir a relevância do conhecimento psicológico especializado para o planeamento e a implementação da Pastoral.

FÉ E CIÊNCIA

Este curso tem como objetivo fundamental promover uma compreensão rigorosa e esclarecida da relação entre fé e ciência, superando a ideia, historicamente difundida, de uma oposição necessária ou inevitável entre ambas. Partindo de uma análise conceptual e epistemológica da ciência – do seu método, do seu alcance e dos seus limites – o curso pretende evidenciar como a investigação científica e a reflexão filosófico-teológica operam em níveis distintos, mas complementares, do conhecimento humano.

Procura-se, assim, oferecer aos participantes instrumentos críticos que permitam um diálogo entre as explicações científicas da realidade e as interrogações últimas sobre o sentido, a origem e o fim do universo e da vida humana.

JESUS CRISTO: HISTÓRIA E TEOLOGIA

Este curso convida a um percurso de descoberta da pessoa de Jesus Cristo, unindo a investigação histórica à reflexão teológica. A partir da Sagrada Escritura e do testemunho da tradição da Igreja, conheceremos como a fé em Cristo foi sendo aprofundada desde os primeiros cristãos até aos Concílios Ecuménicos, que definiram os pilares do dogma cristológico.

NOVO TESTAMENTO

O curso pretende dar aos participantes uma vista geral, mas às vezes com alguma profundidade, dos diferentes géneros literários e representações mais significativas dos mesmos nos livros da Sagrada Escritura do primeiro século cristão. Evangelhos e sua formação, género epistolar e escritos joaninos. Os objetivos passam pela compreensão das principais características de cada um, bem como da compreensão dos diferentes métodos interpretativos da atualidade. Atenção especial será ainda dada aos temas mais relevantes da teologia bíblica neotestamentária.

SACRAMENTOS

Proporcionar uma compreensão da natureza, da origem e da missão dos sacramentos na vida da Igreja, aprofundando os seus fundamentos bíblicos, teológicos, históricos e litúrgicos. Pretende também contribuir para uma compreensão dos sacramentos como sinais eficazes da graça de Deus, instituídos por Jesus Cristo e confiados à Igreja, bem como compreender o seu significado na vida cristã e na ação pastoral. Além disso, visa desenvolver a capacidade de relacionar a doutrina sacramental com os desafios contemporâneos da evangelização, da celebração litúrgica e do acompanhamento espiritual dos fiéis, promovendo uma reflexão crítica e uma prática pastoral fundamentada na tradição e no magistério da Igreja.

TEOLOGIA MORAL

A fé sem obras é morta, já escrevia, na sua carta, São Tiago. A Moral é a ciência que estuda os atos humanos (as obras) segundo a perspectiva da sua bondade ou maldade, tendo em conta a nossa salvação. Primeiro que tudo, Moral, antes de ser ciência, é vida, são os nossos atos, o que fizemos de bom ou de mau ou o que de mau ou de bom deixámos de fazer. Neste sentido, a Moral como ciência, abrange toda a vida, a consciência, a lei, as virtudes e os valores. É a Moral que nos obriga a não separar a fé da vida. Numa palavra, a Moral é a ciência que estuda a arte de viver, a arte da felicidade.

EVANGELHOS

A experiência das comunidades da primeira geração cristã tem um espaço próprio no corpo literário da Bíblia a que chamamos Evangelhos. A pessoa de Jesus, após a sua morte e ressurreição, constitui, por parte dos Apóstolos, o primeiro anúncio dentro e fora da Palestina. Sucedem-se-lhes os discípulos dos Apóstolos e a fixação por escrito nas suas diferentes tradições. São os quatro evangelhos, a questão sinóptica, os apócrifos e a formação do cânone.

Autoria, composição literária, plano e teologia, a par com a proposta de leitura orante, são alguns dos aspetos abordados.

COMUNICAÇÃO

Num mundo cada vez mais conectado, comunicar o Evangelho exige uma sólida formação teológica, sensibilidade pastoral e compromisso com a missão da Igreja. Esta disciplina aborda os fundamentos bíblicos, teológicos e eclesiais da comunicação, explorando a Pastoral da Comunicação, o Magistério, os desafios da cultura digital e as estratégias para uma comunicação ética, eficaz e missionária. Os participantes desenvolverão ainda competências na criação de conteúdos, na gestão da comunicação em situações de crise e na promoção de boas práticas de comunicação paroquial, transparência e trabalho em equipa, com especial enfoque no ambiente digital.

DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

A Doutrina Social da Igreja é um corpo de textos dos papas e do Concílio que fazem parte do pensamento da Igreja acerca de questões sociais, como a economia, o trabalho, a política, o ambiente, a família, etc. Com a sua história e os seus princípios, a Doutrina Social da Igreja é uma luz para o mundo de hoje. Nos nossos tempos, talvez seja a voz dos papas, a voz da Doutrina Social da Igreja, aquela que é mais ouvida e respeitada no mundo. Nesta disciplina, desde 1891, data do primeiro grande documento (Rerum Novarum), até hoje, ao último documento (Magnifica Humanitas), a Doutrina Social da Igreja é apaixonante, intensa e fácil de aprender.

Esta disciplina pretende fazer uma viagem através das relações da Igreja com o mundo através dos seus documentos mais importantes.

PASTORAL CATEQUÉTICA

O curso de Pastoral Catequética pretende aprofundar o lugar da catequese na missão evangelizadora da Igreja, bem como o processo da própria catequese e o seu lugar nas Igrejas particulares. Será visitado o novo Itinerário de iniciação à vida cristã das crianças e dos adolescentes com as famílias assim como os novos materiais catequéticos para a infância e adolescência, pretendendo oferecer-se ao aluno algumas chaves para a sua utilização.







CALENDÁRIO DIOCESANO



ADENDA PRÉVIA AO CALENDÁRIO:

- Este calendário inclui apenas as ações que chegaram ao conhecimento do Serviço de Coordenação da Pastoral Diocesana a tempo de serem aqui incluídas, salvo qualquer possível falência informática.
- As informações aqui constantes são da responsabilidade de quem as forneceu. O suprarreferido Serviço não se responsabiliza por eventuais alterações, bem como por eventuais erros gráficos ou omissões de carácter accidental.

CALENDÁRIO DIOCESANO | ANO PASTORAL 2026/2027

SETEMBRO

Dia	Ação
1	
2	
3	
4	II Encontro Diocesano de Jovens - Pico (até 6 de setembro)
5	
6	Festa do Senhor Santo Cristo – Caldeira – São Jorge
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	Festa de Nossa Senhora dos Milagres – Serreta Oração Comunitária no Santuário da Esperança -CIRP
14	Aniversário natalício do Papa Leão XIV
15	
16	
17	
18	
19	Sessão Solene de inauguração da Escola Diocesana de Formação
20	
21	
22	
23	
24	
25	Sessão de abertura do ano pastoral ao nível diocesano - Horta
26	
27	Eucaristia por ocasião da abertura do ano pastoral ao nível diocesano – Ribeirinha – Horta Dia Mundial do Migrante e do Refugiado
28	
29	
30	

OUTUBRO

Dia	Ação
1	
2	
3	
4	
5	Início do Pré-Seminário – Vila Franca do Campo
6	Início das aulas do 1º semestre – Escola Diocesana de Formação Formação de Catequistas – Ribeira Grande (até 9 de outubro)
7	Implementação da equipa de casais no CPB – Vila Franca do Campo Iniciativa da FAIS – Um milhão de crianças rezam o ‘Terço Missionário pela paz’
8	
9	Bênção dos estudantes – Santuário da Esperança
10	Dia Mundial da Saúde Mental
11	
12	
13	
14	
15	Mesa Redonda sobre habitação - ICC – Ponta Delgada
16	Aniversário da Dedicação da Igreja Catedral Assembleia dos jovens – Vila Franca do Campo
17	Jornadas Nacionais de Catequistas – Fátima (até 18 de outubro)
18	Dia Nacional dos Bens Culturais da Igreja Dia Mundial das Missões Oração Comunitária no Santuário da Esperança - CIRP
19	Jornada dos Missionários Digitais da Diocese de Angra
20	
21	Encontro da Pastoral Social – Fátima (até 23 de outubro)
22	
23	Peregrinação Nacional ao Santuário de Fátima do Apostolado da Oração / Rede Mundial de Oração do Papa (até 24 de outubro) Retiro Shalom – São Miguel (até 25 de outubro) Início da Formação de Adultos - ‘Tea Berit’ e ‘Access-Point’ – Vila Franca do Campo
24	Vigília Missionária – LIAM - Terceira
25	
26	
27	
28	
29	Convívio de início de ano na ilha do Pico – Caminho Neocatecumenal (até 1 de novembro)
30	Retiro Shalom – Santa Maria (até 1 de novembro)
31	Retiro de Catequistas – Santuário da Esperança

NOVEMBRO

Dia	Ação
1	Solenidade de Todos os Santos Início da Semana dos Seminários (até 8 de novembro) Início do ano da Escola de Formação de Ouvidoria – Vila Franca do Campo
2	Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos
3	492º aniversário da Diocese de Angra Celebração do Dia da Igreja Diocesana - Povoação
4	
5	Visita Pastoral à Ouvidoria dos Fenais de Vera Cruz (até 18 de novembro)
6	
7	
8	Festa de Nossa Senhora da Paz – Vila Franca do Campo Oração Comunitária no Santuário da Esperança - CIRP
9	Aniversário da fundação do Seminário Episcopal de Angra Semana de Formação Cristã – Povoação (até 13 de novembro)
10	
11	
12	Cursilho de homens - Terceira (até 15 de novembro)
13	Formação para catequistas – Santa Maria (até 14 de novembro)
14	Encontro Nacional das ENS - Fátima (até 14 de novembro)
15	Dia Mundial dos Pobres Dia do Catequista – Santa Maria
16	Visita Pastoral à Ouvidoria das Capelas (até 6 de dezembro) Encontro do Assistente Diocesano com os Centros do Apostolado da Oração na Ilha Terceira (até 17 de novembro) Semana Bíblica de São Miguel – Rabo de Peixe (até 20 de novembro)
17	
18	70º aniversário de Ordenação de D. José Pedro da Silva Jornadas de Formação da Ouvidoria da Praia (até 20 de novembro)
19	Mesa Redonda sobre a Paz – ICC – Ponta Delgada Convívio de início de ano na ilha de S. Miguel - Caminho Neocatecumenal (até 22 de novembro) Cursilho de Mulheres – Terceira (até 22 de novembro)
20	
21	
22	Solenidade de Cristo Rei Dia Mundial da Juventude
23	
24	
25	
26	Convívio de início de ano na ilha Terceira – Caminho Neocatecumenal (até 29 de novembro)
27	
28	
29	I Domingo do Advento
30	Celebração dos 500 anos do Convento de Santo André – Vila Franca do Campo

DEZEMBRO

Dia	Ação
1	Inscrições para o 2.º Semestre da Escola Diocesana de Formação (até 20 de janeiro)
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	Imaculada Conceição
9	
10	Etapa do 1ºEscrutínio 2ª Comunidade de Capelas – Caminho Neocatecumenal (até 13 de dezembro)
11	
12	
13	Reflexão de Advento – CIRP – São Miguel
14	Aniversário da Ordenação Episcopal do Papa Leão XIV
15	
16	Aniversário da Ordenação Episcopal de D. Armando Domingues
17	
18	Recoleção de Natal – Movimento dos Cursilhos de Cristandade – Santa Bárbara - Angra
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	Natal do Senhor
26	
27	Festa da Sagrada Família de Jesus, Maria e José
28	
29	
30	

JANEIRO

Dia	Ação
1	Santa Maria Mãe de Deus – Dia Mundial da Paz Início da Irmandade dos Serventuários e das Serventuárias da Paz – Santuário de Nossa Senhora da Paz – Vila Franca do Campo
2	
3	Epifania do Senhor Celebração da Infância Missionária
4	
5	
6	
7	
8	
9	Celebração da Infância Missionária – Ribeira Grande
10	Batismo do Senhor Visita às Irmãs Clarissas (Vigília de Oração pela Paz) - CIRP
11	Conselho Presbiteral Diocesano (até 14 de janeiro)
12	Início do CPM – Vila Franca do Campo
13	
14	
15	Aniversário da tomada de posse e entrada solene de D. Armando Domingues Santo Amaro (Memória obrigatória na Diocese de Angra) Retiro do Apostolado da Oração / Rede Mundial de Oração do Papa em São Miguel (até 16 de janeiro)
16	
17	
18	Início do Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos Retiro do Clero em São Miguel (até dia 22 de janeiro)
19	
20	
21	
22	
23	
24	Domingo da Palavra de Deus Bênção das Pastas – Serviço Social
25	Retiro do Clero na Terceira (até dia 29 de janeiro) Conclusão do Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos
26	Início da Semana do Consagrado (até dia 2 de fevereiro) Encontro de Comunicadores: como tecer a rede? (jornalistas generalistas e colaboradores das páginas da diocese)
27	
28	
29	
30	
31	Retiro Espiritual do Movimento dos Romeiros da Ilha de São Miguel - Capelas

FEVEREIRO

Dia	Ação
1	Celebração dos Consagrados – Nordeste (CIRP)
2	Apresentação do Senhor – Dia do Consagrado
3	
4	
5	
6	
7	
8	Início das aulas do 2º Semestre – Escola Diocesana de Formação
9	
10	Quarta-feira de cinzas – Início da Quaresma
11	Nossa Senhora de Lurdes, padroeira do cabido da Catedral Dia Mundial do doente
12	Bênção dos namorados – Santuário da Esperança
13	
14	Reflexão Quaresmal – CIRP – São Miguel
15	Jornadas de Catequese- Centro Pastoral Pio XII (até 18 de fevereiro) Jornadas Bíblicas - Terceira, Faial e S. Jorge - (até 19 de fevereiro)
16	
17	
18	Mesa Redonda sobre Educação – ICC – Ponta Delgada
19	Visita Pastoral à Ouvidoria da Lagoa (até 28 de fevereiro)
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	Dia Nacional da Cáritas

MARÇO

Dia	Ação
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	Aniversário natalício de D. Armando Domingues Encontro de formação – CIRP – São Miguel
11	
12	Conselho Pastoral Diocesano (até 14 de março)
13	
14	Oração Comunitária no Santuário da Esperança - CIRP
15	
16	
17	
18	
19	Solenidade de São José Dia do Pai Recoleção de Páscoa – Movimento dos Cursilhos de Cristandade – São Bento - Angra
20	
21	Domingo de Ramos na Paixão do Senhor
22	
23	
24	
25	Ceia do Senhor
26	Sexta-feira da Paixão do Senhor
27	Sábado Santo
28	Domingo de Páscoa da Ressurreição
29	Retiro do Clero na Caldeira do Santo Cristo – São Jorge (até dia 2 de abril) Início da catequese de adultos – Ouvidoria da Praia da Vitória
30	
31	

ABRIL

Dia	Ação
1	
2	
3	
4	Domingo da Divina Misericórdia
5	Solenidade da Anunciação do Senhor (transferida) Visita Pastoral à Ouvidoria da Ribeira Grande (até 25 de abril)
6	
7	
8	
9	
10	
11	III Domingo da Páscoa Início da Semana de Oração pelas Vocações (até 18 de abril)
12	
13	
14	
15	
16	Etapa da Iniciação à Oração com a 2ª comunidade de S. José – S. Miguel – Caminho Neocatecumenal (até 18 de abril)
17	
18	IV Domingo da Páscoa - Domingo do Bom Pastor Dia Mundial de Oração pelas vocações Oração Comunitária no Santuário da Esperança – CIRP – São Miguel
19	
20	
21	
22	Etapa do Shemá com a 2ª comunidade das Capelas– S. Miguel – Caminho Neocatecumenal (até 24 de abril)
23	
24	
25	V Domingo da Páscoa
26	
27	
28	
29	
30	

MAIO

Dia	Ação
1	Inscrições para o Ano Académico 2027/2028 – Escola Diocesana de Formação (até 10 de junho)
2	VI Domingo da Páscoa Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres – Ponta Delgada Dia da Mãe
3	
4	
5	
6	
7	
8	Aniversário da eleição do Papa Leão XIV
9	Domingo da Ascensão do Senhor Dia Mundial dos Meios de Comunicação Social Oração Comunitária no Santuário da Esperança - CIRP
10	
11	
12	
13	Nossa Senhora do Rosário de Fátima
14	
15	
16	Solenidade de Pentecostes
17	
18	
19	
20	
21	Etapa da Traditio Simboli com a 1ª comunidade da Conceição (Terceira) e a 1ª comunidade de S. João (Pico) – Terceira – Caminho Neocatecumenal (até 23 de maio)
22	Solenidade do Beato João Batista Machado
23	Domingo da Santíssima Trindade
24	
25	
26	
27	Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo
28	
29	Dia do catequista – Ponta Delgada – São Miguel
30	
31	

JUNHO

Dia	Ação
1	
2	
3	
4	Solenidade do Sagrado Coração de Jesus
5	Rito de entrega do Credo à 1ª comunidade da Conceição – Terceira – Caminho Neocatecumenal Assembleia do Apostolado da Oração / Rede Mundial de Oração do Papa em São Miguel
6	Festa da Família da Ouvidoria – Vila Franca do Campo Oração / Convívio com as Comunidades Religiosas – CIRP – São Miguel
7	
8	
9	
10	Assembleia Sinodal Diocesana
11	Encontro de coordenadores paroquiais da catequese – Centro Pastoral Pio XII Bênção dos noivos – Santuário da Esperança
12	
13	Oração Comunitária no Santuário da Esperança - CIRP
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	Dia Nacional da Liberdade Religiosa e do Diálogo Inter-Religioso
23	
24	Solenidade do Nascimento de São João Batista
25	
26	Bênção das pastas – Enfermagem – S. Miguel
27	
28	
29	Solenidade dos Santos Pedro e Paulo
30	

JULHO

Dia	Ação
1	
2	
3	
4	Encontro da Religiosidade Popular – Vila Franca do Campo
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	Pré Aldeia da Esperança – São Miguel (até 18 de julho)
17	
18	
19	Aldeia da Esperança – Povoação (até dia 23 de julho)
20	
21	
22	
23	
24	
25	Dia Mundial dos Avós e dos Idosos
26	
27	
28	
29	
30	

AGOSTO

Dia	Ação
1	
2	
3	Jornada Mundial da Juventude – Seul (até 8 de agosto)
4	
5	
6	Transfiguração do Senhor – Titular da Igreja Catedral Festa do Senhor Bom Jesus Milagroso - Pico
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	





ANEXOS



PROPOSTA DE ESQUEMA PARA A CAMINHADA DIOCESANA 2025-2034

*A partir do Instrumentum Laboris para a Assembleia Plenária dos
Conselhos Pastoral e Presbiteral Diocesano de 2025*

1º TRIÊNIO – 2025-2028: “PASSEMOS À OUTRA MARGEM” (MC 4, 35)

1º ANO PASTORAL: CRISTÃO, QUE DIZES DE TI MESMO?

Objetivos:

- Redescobrir o sentido do Batismo
- Apostar na formação permanente
- Reconhecer quem somos na Igreja

2º ANO PASTORAL: COMO CHEGAR À OUTRA MARGEM?

Objetivos:

- Enfrentar as luzes e sombras da Igreja
- Ir ao encontro dos afastados
- Valorizar a comunidade

3º ANO PASTORAL: FAZ-TE AO MUNDO!

Objetivos:

- Fortalecer o diálogo com o mundo
- Incentivar o “Átrio dos gentios”
- Ousar novos caminhos

2º TRIÊNIO – 2028-2031: “SE NÃO TIVERES AMOR...” (1 COR 13, 1)

1º ANO PASTORAL: COMO AGIMOS ENQUANTO CRISTÃOS?

Objetivos:

- Organizar estruturas/respostas de conversão
- Deixar-se evangelizar pelos pobres
- Humanizar o rosto das comunidades

2º ANO PASTORAL: COMO É QUE A FÉ ILUMINA A NOSSA CARIDADE?

Objetivos:

- Reorganizar e revitalizar a ação sócio-caritativa da Igreja
- Promover o conhecimento da Doutrina Social da Igreja
- Incentivar uma pastoral samaritana

3º ANO PASTORAL: FAZ-TE PRÓXIMO!

Objetivos:

- Apontar as injustiças e desigualdades
- Cuidar da “casa comum” em interligação
- Despertar a generosidade dos jovens para o voluntariado

**3º TRIÊNIO – 2031-2034: “AMOU-OS ATÉ AO FIM...”
(JO 13, 1)**

1º ANO PASTORAL: LEVANTA-TE E SERVE!

Objetivos:

- Ser missionário hoje
- 450 anos do nascimento do Beato João Batista Machado
- Anunciar/preparar uma assembleia sinodal

2º ANO PASTORAL: DEUS ASSINOU DE CRUZ!

Objetivos:

- Celebrar o Jubileu da Redenção
- Continuar a preparar a assembleia sinodal
- Sublinhar a centralidade da eucaristia

3º ANO PASTORAL: JUBILEU DIOCESANO

Objetivos:

- Concretizar a assembleia sinodal
- Simpósio com as Dioceses que se autonomizaram do Funchal
- Fazer memória dos 500 anos



1534 . 2034

DIOCESE
DE ANGRA



MEMÓRIA DESCRITIVA DO LOGOTIPO DOS 500 ANOS DA CRIAÇÃO DA DIOCESE DE ANGRA

A SILHUETA DA SÉ DE ANGRA

Representa os 500 anos de história da Diocese, como símbolo de permanência e fidelidade na fé.

O MAR EM MOVIMENTO

Trata-se de um elemento identitário açoriano. Além disso, recorda-nos a travessia da Igreja na história e a missão evangelizadora da Igreja que partiu e deve continuar a partir das ilhas para o mundo.

Por outro lado, a própria água remete-nos para o Sacramento do Batismo.

A CRUZ AZUL CURVA E EM MOVIMENTO

Representa uma Igreja viva, dinâmica e em constante renovação, guiada pela ação do Espírito Santo.





PROPOSTA DE ORACÃO





ORAÇÃO PARA A VIAGEM

No Teu deserto, Bom Jesus,
em vez de pão
deste-nos a liberdade.
Não nos saciaste a nossa fome,
mas deste-nos sede de Ti,
da Tua vida, a única Verdade.
Que o Teu nome se veja
em cada palavra, em cada gesto,
em cada nosso olhar,
para que, vendo-nos, Te possam ver.

No Teu deserto, Bom Jesus,
ao poder preferiste servir,
ao domínio preferiste amar.
Torna leves os nossos pés,
abertas as nossas mãos.
Que nada nos impeça
de chegar onde Tu chegaste:
ao Teu pobre, ao Teu doente,
ao teu último,
ao coração de quem de Ti mais precisa.

No Teu deserto, Bom Jesus,
não escolheste o milagre, mas a fé.
Não foste herói, mas Salvador.
Que a nossa fé
seja apenas abalada
por outra esperança:
a de podermos celebrar, em Ti,
a plenitude da Vida,
o sentido de todas as coisas,
a alegria de dar tudo
e ter-Te como recompensa.

Que Tu nos sejas tudo,
No Pai que nos abençoa,
No Espírito nos preenche.
Ámen.

WWW.DIOCESEDEANGRA.PT



WWW.DIOCESEDEANGRA.PT